



Um Fracasso Estratégico

A Política Norte-Americana de Controle das Informações no Iraque Ocupado

Dra. Cora Sol Goldstein

A Dra. Cora Sol Goldstein é professora auxiliar de ciência política da Universidade Federal da Califórnia, Long Beach, Califórnia. Recebeu seu Doutorado pela Universidade de Chicago em 2002. Seu livro, Psychological Warfare in Peacetime: American Visual Propaganda in Occupied Germany, será publicado na primavera de 2009. Em 2007, foi lhe conferido o prêmio Mary Parker Follet da Associação Norte-Americana de Ciência Política - Seção Política e História.

FOTOS: Dois soldados da 3ª Brigada de Combate, da 1ª Divisão de Cavalaria falam com manifestantes num ponto de controle da Zona Internacional na parte central de Bagdá, 17 de novembro de 2004

(Sargento John Queen, Exército dos EUA)

A OCUPAÇÃO AMERICANA DA Alemanha (1945-1949) permanece como um exercício modelo de democratização à força. De fato, personalidades proeminentes da administração Bush, incluindo a Secretária de Estado Condoleezza Rice e o antigo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, compararam a experiência americana na Alemanha pós-guerra com o Iraque pós-guerra. Este artigo examina a política de controle das informações americana na Alemanha e no Iraque (2003-2006). A análise comparativa indica que a política de controle das informações foi muito diferente nos dois casos. Na Alemanha, o Exército dos EUA e o Gabinete do Governo Militar dos EUA (*OMGUS* - sigla em inglês) exerciam rigoroso controle sobre a mídia para bloquear a propaganda nazista e introduzir a agenda política americana de democratização.¹ Com a emergência da Guerra Fria, o *OMGUS* usou todas as formas de comunicação em massa — periódicos de assuntos culturais, revistas, filmes de longa metragem e documentários, posters e emissoras de rádio — para disseminar propaganda e mensagens estratégicas dos EUA ao povo alemão. Conseqüentemente, de 1945 a 1949 os americanos foram capazes de moldar o conteúdo das informações na zona e setor americanos. No Iraque, as forças da coalizão fracassaram em exercer a mesma forma de controle de informações. Como resultado desse erro

estratégico, a insurgência e outros movimentos que se opuseram à presença americana têm estado aptos a controlar as informações e disseminar mensagens antiamericanas.

O Caso Alemão

Durante a II Guerra Mundial, a guerra psicológica formou uma parte importante da estratégia militar contra o Terceiro Reich. Assim que o Exército dos EUA entrou na Alemanha, especialistas americanos da guerra psicológica difundiram propaganda para convencer o povo alemão da irreversibilidade de sua derrota e para persuadi-los a cooperarem. Ao mesmo tempo, o Exército dos EUA fechou periódicos, revistas, emissoras de rádio alemãs na zona e setor norte-americano para assegurar o monopólio das informações e propaganda. Como resultado, a informação recebida pelos alemães nas áreas norte-americanas proveio exclusivamente da distribuição de folhetos de propaganda norte-americanos (*Mitteilungblätter*), de periódicos publicados pelo Exército e da Rádio Luxemburgo.

Depois do dia da vitória na Europa, 12 de maio de 1945, a Divisão de Guerra Psicológica do Quartel-General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas (*PWD/SHAEF*) foi convertida na Divisão de Controle de Informações (*ICD*) na Alemanha. O chefe da *PWD/SHAEF*, General Robert C. McClure, comandou uma organização nova e manteve a maioria do pessoal da *PWD/SHAEF*.² No princípio, a *ICD* foi independente do governo militar, mas em fevereiro de 1946, foi totalmente integrada à *OMGUS*.

No início, a *ICD* concentrou a maior parte de sua atenção na desnazificação da mídia. A *ICD* excluiu jornais alemães que foram considerados como politicamente contaminados pelos seus antecedentes favoráveis a Hitler e proibiu a difusão de mensagens nazistas, militaristas ou nacionalistas que poderiam incitar simpatias pelos nazistas e fomentar a resistência contra o projeto norte-americano. Enquanto esse projeto de verificação estava ocorrendo, o *ICD* começou a selecionar e conceder licenças para editores alemães começarem a operar periódicos e revistas. Tiveram êxito na seleção de um grupo político e ideologicamente heterogêneo. Já em meados de 1946, a *ICD* tinha concedido licenças para operação de periódicos para 73 alemães, incluindo

29 sociais democratas, 17 democratas cristãos e cinco comunistas.³ Dessa forma, enquanto o *OMGUS* impunha uma rígida censura pública e ideológica contra a difusão de mensagens nazistas, nacionalistas e militares, pretendia também estabelecer um nível de diversidade política e permitia o desenvolvimento de uma variedade de opiniões políticas.⁴

Embora os editores que receberam licenças pela *ICD* tivessem se comprometido a criar uma Alemanha nova e democrática, a divisão manteve um assíduo controle de suas edições. Inicialmente,

Também não instituíram nenhum programa lógico de grande escala para o controle das informações no Iraque...

submetia os artigos a uma censura pré-publicação, mas em agosto de 1945, mudaram para um exame detalhado pós-publicação.⁵ Embora os editores alemães estivessem livres para administrar suas próprias operações, sempre havia a possibilidade de censuras pós-publicação que poderiam levar à revogação de suas licenças. Dessa forma, o *ICD* definia e vigiava os limites do que era aceitável e desejoso para o âmbito político e cultural, dessa forma, monitorou e regulou as informações que chegavam aos alemães na zona e setor norte-americanos.

Durante os primeiros anos da ocupação, a política da imprensa norte-americana na Alemanha ocupada refletia as ideologias dos oficiais do *ICD* responsáveis em vigiar a imprensa. Grande parte dos oficiais era acadêmica que havia vivida na Alemanha anteriormente. Uma grande parte era adepta das políticas econômicas radicais do Presidente Roosevelt (*New Dealers*), intelectuais, emigrantes, judeus e esquerdistas entusiasmados com a possibilidade de ajudar a formar uma sociedade democrática pluralista das cinzas do nazismo.⁶ Em Berlim, a maioria dos oficiais da *ICD* era formada por emigrantes alemães.⁷ Dessa forma, a grande parte dos oficiais da *ICD* falava alemão, tinha conhecimento sobre a cultura alemã e entendia a sociedade e história alemã. Em 1945, esses oficiais que vigiavam a imprensa se entusiasmaram com a colaboração da esquerda

alemã, considerando-a como parte do processo de criar uma imprensa e cultura democrática.

Com a Guerra Fria, a política de imprensa da *OMGUS* mudou. A Alemanha ocupada se converteu na primeira frente da guerra psicológica entre os EUA e a URSS. Depois de 1946, a possibilidade da Alemanha se tornar independente e unida desapareceu rapidamente. Tanto os norte-americanos como os soviéticos começaram a usar novos meios

O Departamento de Defesa tinha interpretado o problema equivocadamente... como um assunto de marketing.

de comunicação em suas zonas e respectivos setores para atacar um ao outro e a difundir sua propaganda. Em março de 1946, por exemplo, o *OMGUS* obrigou o *Neue Zeitung*, o periódico mais importante da zona americana, a adotar uma nova postura editorial que correspondesse à política estrangeira dos EUA. O *Neue Zeitung* chegou a ser o porta-voz que permitiu à *OMGUS* neutralizar a propaganda soviética na Alemanha ocupada.⁸

Nos princípios de 1947, o pessoal tinha mudado e os originais oficiais encarregados de vigiar a imprensa foram substituídos pelos guerreiros da Guerra Fria.⁹ Como resultado, a maior parte das publicações que não seguiram as diretrizes anti-comunistas da *OMGUS* foi desativada ou seus editores foram substituídos.¹⁰ Em agosto de 1947, Emil Carlebach, um comunista que sobreviveu como prisioneiro no campo de concentração em Buchenwald e que lhe fora dada a licença da publicação do *Frankfurter Rundschau* em 1945, foi despedido.¹¹ *Der Ruf*, uma revista popular de política e cultura, foi fechada porque o *ICD* a considerou pró-comunista, embora o contraparte soviética da *OMGUS* já a tivesse denunciado.¹² Em outubro do mesmo ano, o General Lucius D. Clay, o governador militar norte-americano, lançou a Operação *Talk Back*, uma medida de contra-propaganda planejada para usar a mídia alemã na zona e setor americanos com o objetivo de responder e combater a propaganda soviética anti-americana. Estritos critérios foram impostos à imprensa alemã, equivalente aos critérios que prevaleciam na zona e setor soviéticos.

O Caso do Iraque

A campanha de guerra psicológica da Operação *Iraqi Freedom (OIF)* teve êxito porque a mesma convenceu o Exército do Iraque a não mais resistir. Isso permitiu que as Forças Armadas dos EUA tomassem posse de Bagdá com um número limitado de tropas. Sem dúvida, ao contrário do caso alemão, as forças da coalizão não continuaram com a sua agenda de guerra psicológica depois da queda do regime de Saddam Hussein. Também não instituíram nenhum programa lógico de grande escala para o controle de informação no Iraque; ao contrário, o Departamento de Defesa anteviu a criação de um “Time de Reação Rápida de Mídia” para administrar o desmantelamento dos meios de comunicação estatais do Iraque e estabelecer uma rede de “Meios de Comunicação Independentes do Iraque” financiada e dirigida pelos EUA. Essa nova rede controlada pelos norte-americanos tinha como objetivo servir como um veículo de propaganda do Pentágono para o Iraque.¹³

Saddam Hussein tinha compreendido a importância de controle da informação e a manipulação dos meios de comunicação. Em 1968, depois que se converteu no chefe da segurança interna, foi permitido aos iraquianos terem acesso somente aos periódicos publicados pelo governo. Quando assumiu a presidência em 1979, o Ministro das Informações do Iraque começou a nomear todos os jornalistas da nação (os quais tinham que pertencer ao Partido Baatista) e os insultos ao presidente chegaram a ser considerados uma ofensa com a punição de morte. Um dos filhos de Saddam, Uday, se converteu no chefe da União dos Jornalistas e exerceu controle sobre uma dúzia de periódicos, incluindo *Al-Thaura* (A Revolução), *Babil* e *Al-Jamoriya* (A República). Todos os dias esses periódicos publicavam fotos de Saddam Hussein na primeira página. Uday também esteve encarregado de muitas emissoras de televisão e rádio. Em 2003, existiam 13 emissoras de televisão e 74 de rádio, todas sob o controle estatal.¹⁴ O governo era o único provedor da internet e acesso a mesma era disponível em cybercafés rigorosamente controlados pela polícia de segurança. Era proibido ter antenas parabólicas, embora aqueles de maior hierarquia no regime tivessem acesso a notícias transmitidas por satélites.¹⁵

Uma vez que Saddam foi derrubado, o número de publicações subiu rapidamente para mais de 200. Com as forças da coalizão falhando em fechar ou controlar a imprensa iraquiana, todos os que tinham acesso a um tipo de imprensa começaram a publicar. Grande parte dos periódicos e revistas que surgiram em 2003 enfrentou dificuldades financeiras e muitos desses desapareceram pouco tempo depois, mas segundo os cálculos da BBC (*British Broadcasting Corporation*), ainda existem 50 jornais diários publicados no Iraque sendo que 12 deles estão em Bagdá.¹⁶ Infelizmente, os grupos que se opunham à coalizão aproveitaram-se rapidamente desse espontâneo aumento dos meios de comunicação e da falta de uma política sólida de controle das informações por parte dos norte-americanos.

A imprensa iraquiana chegou a ser altamente diversificada à medida que cada grupo de pressão política abria sua própria agência divulgadora de notícias. Saad al-Bazzaz, um jornalista exilado, começou a publicar no ano 1992 a edição de Bagdá do *Al-Zaman*, um periódico que ele fundou sediado em Londres.¹⁷ A família real saudita começou a publicar uma edição iraquiana do *Al-Sharq al Awsat* em Londres, seu instrumento principal de publicidade no Ocidente. Sócios do antigo primeiro-ministro Ahmad Chalabi publicaram o *Al-Mutamar*. Atualmente, o Supremo Conselho para a Revolução Islâmica no Iraque, o maior grupo político xiita no país, publica o *Al-Adalah*, o *Al-Fater* e o *Ida Rafideen*. O *Al-Bayan* é o periódico do partido Dawa, o partido xiita do Primeiro-Ministro Nouri al-Maliki e seu predecessor Ibrahim al-Jaafari. Outros periódicos importantes são o *Al-Mada* com tendências esquerdistas e o *Al-Sabah al-Jadid*, fundado pelo ex-editor chefe de *Al-Sabah*, Ismael Zayer (que renunciou a seu cargo no *Al-Sabah* em maio de 2004 para protestar contra a censura e interferência editorial norte-americana.¹⁸) Uma única revista satírica, a *Habaz Booz*, é publicada em Bagdá.

Nesse contexto, as políticas da mídia formuladas pela Autoridade Provisional da Coalizão (CPA-sigla em inglês) e pelo Pentágono foram ineficazes. A des-baatificação da imprensa iraquiana incentivou sentimentos antiamericanos.¹⁹ Sem dúvida, a CPA não substituiu o pessoal baatista por iraquianos desejosos de participar do

desenvolvimento de uma democracia liberal para seu país, nem censurou a propaganda antiliberal ou antiamericana. Em julho de 2003, o chefe da CPA Paul Bremer III afirmou publicamente que a coalizão não estava impondo limites na liberdade de expressão no Iraque. O porta-voz da coalizão Charles Heatley ecoou as palavras de Bremer. A idéia geral era que a difusão da mensagem da “verdade” americana, por si mesma, prevaleceria sobre mensagens de alternativas políticas no Iraque pós-Saddam.

A CPA, de vez em quando, exercia medidas de controle sobre a propaganda radical antiamericana. Por exemplo, fechou o *Al-Mustiquilla*, um periódico que publicou um artigo advogando a execução de todos os iraquianos que colaboraram com a coalizão.²⁰

Em março de 2004, a CPA impediu por 60 dias a publicação do periódico *Al-Hawsa*, um semanário radical xiita com sede em Bagdá, alegando que seus editores incitavam atos de violência contra a ocupação.²¹ As forças da coalizão invadiram um centro de distribuição do periódico *Sadda-al-Auma* em Najaf, se apossando de cópias de uma edição que estimulava iraquianos a se integrarem na resistência. Sem dúvida, os freqüentes esforços da CPA para controlar os novos meios de imprensa iraquianos foram inúteis. Poucos dias depois de levar a cabo a invasão do *Sadda-al-Auma*, o periódico era publicado novamente, pedindo aos seus leitores que se integrassem ao movimento de resistência de Ramadi, difundindo também sua propaganda anti-semita, anti-ocidental e anti-feminina.²² No final, nos raros casos em que os meios de comunicação foram submetidos a censura pós-publicação o resultado foi um ineficaz programa de controle de informações.

Embora o seu desempenho possa sugerir o contrário, o Pentágono realmente formulou uma diretriz para a propaganda no Iraque. O apêndice 2 do Guia de Assuntos Públicos da Força-Tarefa Combinada 7 (*CJTF-7*) delimita os “temas atuais” para a imprensa iraquiana em três partes: “positiva” para ser estimulada e divulgada, “negativa” para ser refutada ou evitada e “duvidosa ou manipulável, para ser neutralizada. A primeira parte tinha como objetivo desenvolver o apoio “do povo do Iraque e para o povo do Iraque”; para enfatizar o progresso e a segurança, particularmente em Bagdá, e para

destacar “a participação dos iraquianos” nos esforços de reconstrução de seu país. A mensagem positiva incluiria indicadores de melhoramentos na vida cotidiana, tais como a normalização do fornecimento de energia elétrica, a construção de novas escolas e de hospitais, assim como um melhor nível de segurança. A segunda parte ou “assuntos negativos” trataria de assuntos como “o mau trato de iraquianos detidos”, o “ressurgimento da resistência, desrespeito à lei, instabilidade e o vácuo do poder”; a “vulnerabilidade da infraestrutura”; e “a demora no estabelecimento de estruturas políticas.” A última parte responderia a “falta de descobertas” de armas de destruição de massa, os problemas em encontrar Saddam e o processo de de-baatificação.²³

O aspecto mais surpreendente e original da política norte-americana sobre a propaganda na Operação *Iraqi Freedom* tem sido a dependência por parte do Pentágono de usar terceirizados para difundir suas mensagens estratégicas ao povo do Iraque. Em vez de formar uma força-tarefa composta de especialistas em guerra psicológica das Forças Armadas dos EUA, da comunidade de inteligência e do mundo acadêmico, o Governo dos EUA pediu a companhias privadas sem experiência no Oriente Médio para levarem a cabo essa tarefa.²⁴ O Departamento de Defesa confundiu um problema político — ou seja, de como transformar radicalmente uma sociedade que saiu de uma ditadura brutal e que está entrando rapidamente no fundamentalismo religioso — com um assunto de marketing. Tentaram convencer o povo iraquiano da visão americana do futuro como se a mesma fosse um produto de consumo.

Em 2003, a Divisão de Operações Especiais e de Conflitos de Baixa Intensidade do Pentágono, a qual se especializa em operações de guerra psicológica, concedeu um contrato exclusivo à Science Applications International Corporation (SAIC) no valor de US\$ 82.3 milhões para estabelecer a Iraqi Media Network (Rede de Mídia do Iraque) (*IMN*). Quando a *IMN* começou a publicar o periódico *Al-Sabah* (Amanhã), já existiam 20 a 30 novos periódicos independentes.²⁵ *Al-Sabah* chegou a ser simplesmente um periódico entre muitos, e os norte-americanos nunca foram capazes de monopolizar a informação no Iraque.

A *IMN* ainda enfrentou mais dificuldades com a televisão. O estabelecimento da *Al-Iraqiyya*, a rede de televisão financiada pelos USA, foi um pesadelo. Desde o início, a desorganização, falta de planejamento, falta de pessoal e um orçamento inadequado atrasaram o projeto. Além disso, a instalação física da rede foi sistematicamente destruída por vândalos e mais tarde, no verão de 2003, foi explodida por insurgentes. Quando finalmente começou a funcionar, a *Al-Araqiyya* fracassou em atrair o público do Iraque porque evitava as notícias iraquianas. Por exemplo, a rede transmitia programas de cozinha em vez de cobrir a violência política no país.²⁶

Como as forças da coalizão não fizeram nada para impedir a instalação de antenas parabólicas que brotaram como cogumelos por todas as partes do Iraque, espectadores iraquianos ganharam acesso a múltiplas fontes de informação. Podiam ver um número incontável de programas de notícias antiamericanas transmitidos por emissoras de televisão no Oriente Médio. Não é surpreendente que depois da invasão 63% dos iraquianos que tinham acesso a antenas parabólicas assistiam a *Al-Jazeera* e *Al-Arabiya*, emissoras de televisão que oferecem programação de notícias com propaganda antiamericana e anti-semita.²⁷ Apenas cerca de 12% dos iraquianos assistem com regularidade as notícias apresentadas pela *Al-Iraqiyya*.²⁸

A televisão por satélite se converteu numa parte integral do púlpito eletrônico dos jihadistas. A *Al-Zawraa*, uma emissora de televisão por satélite no Iraque, provou ser uma das armas mais eficazes do Exército Islâmico do Iraque, um principal grupo de resistência sunita no qual supostamente inclui membros do Partido Baath.²⁹

A *Al-Zawraa* emite filmagem contínua da guerra sunita contra os EUA e a milícia xiita de Muqtada al-Sadr. Apresenta com regularidade videoclipes que mostram militantes planejando ataques contra unidades norte-americanas, franco-atiradores ou explosivos improvisados para emprego contra soldados da coalizão e operações contra objetivos xiitas. Os programas desta emissora são transmitidos pelo mundo árabe por meio da Nilesat, um provedor de serviços de satélite que é controlado pelo governo egípcio. *Al-Zawraa* anunciou que pretende difundir

seus programas por meio de satélites europeus; com o transcorrer do tempo, querem chegar aos espectadores norte-americanos.³⁰

A coalizão também está perdendo a guerra estratégica de propaganda no ciberespaço. Grupos terroristas usam a internet de alta velocidade, software pirata de edição de vídeos e sítios cibernéticos que permitem carregar arquivos gratuitamente para difundir seus produtos. Abu Maysara, o chefe de mídia de Abu Musab al-Zarcaui, o falecido líder da Al Qaeda no Iraque, gravou o vídeo da decapitação de Nicholas Berg, um refém norte-americano, e colocou o vídeo online. A internet também é importante como um mecanismo para o ensino de habilidades práticas de resistência, tais como a construção de foguetes, bombas e armas químicas.³¹

O Pentágono, apesar do fracasso por parte da SAIC, continuou seguindo sua política de terceirização, pedindo para companhias privadas assumirem tarefas da mídia. Em janeiro de 2004, em vez de renovar o contrato com a SAIC, o concedeu a Harris Corporation, uma companhia que fabrica

equipamento de teledifusão sem experiência em guerra psicológica ou no Oriente Médio. A Harris Corporation logo subempreitou suas operações de televisão à Corporação Libanesa Internacional de Rádiodifusão, uma empresa de telecomunicações com sede no Kuwait, mas encarregou-se da *Al-Iraqiyah* e *Al-Sabah*. No período de um mês, a CPA mudou o nome da Rede de Mídia do Iraque para a Rede do Iraque. O Departamento de Defesa também contratou os serviços da J. Walter Thompson, uma importante agência publicitária localizada na Avenida Madison na cidade de Nova Iorque, para “convencer os iraquianos que o *IMN* ou o *Iraqia* eram confiáveis”.³² Talvez não surpreendentemente, J. Walter Thompson não se especializa em guerra psicológica ou no Oriente Médio; seus clientes principais são Dominos, Diamond Trading Company, Ford, Cadbury Schweppes, HSBC, Kimberly-Clark, Kellogg’s, Kraft, Nestlé, Pfizer, Rolex, Diageo, Unilever e Vodofone.

Também em 2004, a administração Bush instruiu a Diretoria de Transmissão dos EUA



AFP, Karim Sahib

Iraquianos observam a transmissão de uma mensagem gravada supostamente do líder deposto Saddam Hussein emitida por Al-Arabiya com sede em Dubai, 17 de julho de 2003.

— os produtores da Voz da América — que contra-atacasse o impacto que a *Al-Jazeera* tem no Oriente Médio. A diretoria lançou a emissora de televisão à satélite *Alhurra* (A Livre), a Rádio *Sawa* (Juntos) e a revista *Hi*. A *Alhurra*, tomando como modelo uma emissora convencional norte-americana que apresenta programas de cozinha,

A televisão e o rádio não foram os únicos setores que cometeram erros.

moda, geografia, tecnologia, documentários e notícias. Embora a *Alhurra* com um orçamento de US\$ 100 milhões esteja inundada de fundos e transmita seus programas na Jordânia, Egito e no Iraque, provou ser um fracasso. Os iraquianos associam a estação com os EUA e rejeitam o seu conteúdo, especialmente na sua cobertura informativa. Pesquisas de opinião pública indicam que os iraquianos ressentem a carência de discussões sobre os temas relativos à situação no Iraque, no mundo árabe e no Oriente Médio.³³ A rádio *Sawa* não tem obtido muito progresso com a programação combinada de música popular norte-americana e do Oriente Médio e a sua escassa cobertura de notícias.

A televisão e o rádio não foram os únicos setores onde erros foram cometidos. Em 30 de janeiro de 2005, o Iraque realizou eleições para a Assembléia Nacional Transacional. O Presidente Bush pronunciou como uma vitória à autodeterminação iraquiana, destacando durante um discurso especial perante a nação que: “Hoje no Iraque, homens e mulheres tomaram controle legal do destino de seu país, e escolheram um futuro de liberdade e paz”.³⁴ Ao se passarem dez meses, em novembro de 2005, o jornal *Los Angeles Times* informou que as Forças Armadas dos EUA pagaram secretamente a periódicos iraquianos para que publicassem artigos em favor da coalizão. Este programa havia começado no início de 2005, no momento que se celebravam as eleições, como uma operação de propaganda velada para influenciar a opinião pública iraquiana. Segundo o *Times*, os artigos “eram elaborados basicamente de uma forma objetiva”, mas omitiam a informação que poderia pôr os

leitores contra os governos norte-americano e do Iraque. As histórias exaltavam a ocupação norte-americana, denunciavam a insurgência e elogiavam os esforços norte-americanos na região.³⁵

Essas histórias eram produzidas pelo Lincoln Group, que tinha sido contratado como parte dos rápidos aumentos dos esforços da campanha de informações norte-americana em 2004. Essa corporação recém-fundada foi posta em vigência por um grupo de investidores de uma companhia com sede em Washington D.C., a Lincoln Alliance Corporation. A Lincoln Alliance, sendo uma filial da Lincoln Asset Management, se descreve como uma companhia que facilita “serviços de inteligência feitos sob medida.” A companhia declara que se especializa na coleta de informação de “diversas fontes internas e externas, tanto históricas como em tempo real”; uma “fusão” de análise de informação e divulgação de “resultados acionáveis.”³⁶ A operação sigilosa do Lincoln Group provocou um escândalo no Iraque e minou ainda mais a credibilidade dos EUA na região. A imprensa norte-americana também reagiu de forma fervescente contra isso, apesar do fato de que as ações de propaganda negra do Lincoln Group, executadas de uma forma amadora, eram na verdade modestas na sua extensão.

Propaganda negra, a disseminação de notícias parciais ou falsas num país seletivo sem indicar a sua origem é um estratagema clássico da guerra psicológica. É extraordinário que o Pentágono tenha escolhido confiar numa corporação privada sem experiência no campo quando a CIA tem antecedentes extensos na distribuição de propaganda negra no âmbito mundial — incluindo o Oriente Médio.³⁷

Lições aprendidas com dificuldade

A administração Bush ignorou o modelo de controle das informações empregado pelos EUA na Alemanha no período de 1945-1949. As forças da coalizão não colocaram em vigor um controle rigoroso das informações depois de derrubar Saddam, ao mesmo tempo em que o Pentágono chegou a ser mais interessado em manipular a imprensa norte-americana do que regular a difusão de informação dentro do Iraque. Daniel Senor, o chefe do gabinete de relações públicas

da CIA, não falava árabe e sua prioridade era “alimentar” a mídia americana com informações, freqüentemente por meio de jornalistas favoráveis às políticas da administração.³⁸

É verdade que a revolução na tecnologia de comunicação tem feito o controle total das informações no Iraque virtualmente impossível. Entretanto, o Pentágono fracassou em avaliar e planejar a complexidade do desafio tecnológico. Os EUA estabeleceram uma ocupação militar mal equipada para neutralizar as armas de informações disponíveis ao inimigo no século XXI. Saddam Hussein tinha proibido a televisão à satélite e controlado o acesso público à internet; os norte-americanos não fizeram o mesmo e, em conseqüência, não puderam negociar com a avalanche de propaganda antiamericana que se seguiu. Num período de dias depois da entrada norte-americana em Bagdá, antenas parabólicas surgiram por todas as partes, impossibilitando o controle das informações. Locais cibernéticos também foram criados por toda a parte, os quais os norte-americanos nunca puderam controlar.

Além disso, a propaganda positiva não pode ser efetiva quando a zona de objetivo não está controlada. Uma ocupação militar, para ter sucesso como um instrumento de mudança, deve ser capaz de criar um nível de estabilidade em lugares expostos às graves condições de uma turbulência social.³⁹ O caso alemão exemplifica esse princípio. Na Alemanha, o Exército dos EUA e *OMGUS* monopolizaram o uso da violência e impuseram e garantiram segurança. Isso permitia ao *OMGUS* e seus aliados alemães porem em vigência a reconstrução da infraestrutura física dentro da zona e setor norte-americanos ao mesmo tempo em que colocavam em andamento uma revolução política, social e cultural. Os norte-americanos, em termos de controle das informações, bloquearam a difusão da propaganda vindo do antigo regime legalista e de grupos antagonísticos com intenções de aproveitar o vazio político produzido pela transição. No Iraque, a Operação *Iraqi Freedom* provocou o desenvolvimento de uma insurgência militar, o terrorismo, a violência sectária e a desordem civil. Sem a segurança, os projetos de infra-estrutura atrasaram e a propaganda difundida pelos norte-americanos foi de eficácia mínima.

O caso do Iraque mostra quão importante é desenvolver uma apropriada hipótese de combate antes de começar um conflito militar que tem como objetivo fazer uma mudança de regime e ocupação. Em 1945, o *OMGUS* permitiu ao povo alemão ter um grau limitado de liberdade e exerceu um nível de controle político sem precedentes. A diretriz 1067 (*JCS 1067*) dos Chefes do Estado-Maior Conjunto (*JEMC*), a diretriz militar que orientou a formulação das políticas do *OMGUS* de 1945 até 1947, sem dúvida alguma explicitamente rejeitou a idéia de que os EUA libertaram a população de uma ditadura. Expressou que a Alemanha “não será ocupada com o propósito de libertação, mas como uma nação inimiga derrotada”. Segundo a *JCS 1067*, os alemães tinham que ser controlados e vigiados e suas atividades políticas, religiosas e culturais tinham que ser aprovadas pelas autoridades militares norte-americanas. A *JCS* foi muito clara: “Não se permitirá qualquer atividade política a menos que seja aprovada pelo *JEMC*... Vocês proibirão a propagação de qualquer doutrina nazista, militarista ou pan-alemã ... Não se permitirá aos alemães apresentar desfiles militares, políticos, civis ou esportivos”.⁴⁰ A diretriz permitiu a liberdade de religião e expressão somente até o ponto que não comprometam os objetivos militares e políticos dos EUA.

O fracasso do Iraque é a conseqüência lógica de considerar a missão norte-americana uma libertação em vez de uma ocupação de um país inimigo. O objetivo da Operação *Iraqi Freedom*, segundo o Guia de Assuntos Públicos da Força-Tarefa Combinada 7, foi de “libertar o povo do Iraque do regime de Saddam Hussein”.⁴¹ A suposição básica foi que derrotar Saddam e suprimir ao Partido Baaz produziriam como conseqüência natural, automática e inexorável um Iraque democrático, liberal, secular e pró-americano. A idéia de converter a população iraquiana em adeptos da democracia de uma forma espontânea fez o Pentágono e o Departamento de Estado subestimar a importância do controle pós-guerra das informações e da propaganda.⁴²

A democratização da mídia depois de uma mudança de regime radical é um projeto de longo prazo, exigindo o uso de métodos antidemocráticos de curto prazo. Mesmo em 1948, existia um nível de tensão entre o objetivo manifestado pelos

norte-americanos de encorajar uma imprensa livre e a realidade autoritária da ocupação. O governo militar estava ciente dessa contradição básica, como demonstrado nesse relatório elaborado pelo *OMGUS*:

Os oficiais da imprensa principalmente se interessaram em impedir que os ex-jornalistas nazistas participassem na nova imprensa democrática alemã. Em 1945, quando a ocupação foi posta em marcha, garantir ao povo alemão uma imprensa independente e livre foi um dos objetivos da política do governo militar norte-americano. O governo militar previu o desenvolvimento de uma imprensa livre de qualquer denominação governamental. Sem dúvida, com ironia, o próprio governo militar considerou ser necessário o exercício de certos controles provisionais. Grande parte das instalações de imprensa dos periódicos estavam nas mãos dos nazistas. Os editores, redatores e pessoal dos periódicos eram as mesmas pessoas que tinham executado as políticas do Ministério de Propaganda de Goebbel. Dessa forma, o governo militar colocou em vigor um sistema regulador para colocar os periódicos nas mãos de redatores dedicados a proporcionar ao povo alemão uma cobertura informativa imparcial.⁴³

A democratização pelo uso da força é basicamente a fonte de paradoxos. Um governo militar envolvido na reconstrução de nações é, por definição, um regime autoritário envolvido num projeto de engenharia social. Sua intenção é de impor, por meio da força, novas normas sociais e outras séries de valores normativos. Portanto, as ações que tomam não são compatíveis com a idéia de democracia.

Carl J. Friedrich, que dirigiu a escola que treinou pessoal militar destinado a governos militares norte-americanos no estrangeiro e que mais tarde

serviu como assessor de assuntos governamentais e constitucionais do General Clay (1947-1948), tentou resolver a contradição. Ele argumentou que o *OMGUS* era um “ditador constitucional que ajuda o restabelecimento da democracia constitucional em vez de impor a democracia”⁴⁴ De acordo com Friedrich, o governo militar operado por uma democracia constitucional, distinto de uma ditadura convencional, progressivamente relaxa a repressão e se move em direção ao estabelecimento de um sistema condicional. Friedrich admitiu que o *OMGUS* censurava e reprimia, mas alega que o fez assim para impor limitações aos elementos e esforços antidemocráticos.

A CPA entendeu que a estrutura da democracia iraquiana exigia a imposição de limites estritos na saída de informações antidemocráticas. Sua defeituosa política de mídia produziu a aparição de uma variedade de fontes de informações como periódicos, revistas e emissoras de televisão com agendas autoritárias, religioso-fundamentalistas e antidemocráticas. Os periódicos iraquianos estão sendo financiados por partidos políticos e religiosos, e a informação que difundem com frequência é incompleta, sem verificação e parcial.

A deterioração do *status* norte-americano em muitas partes do chamado “terceiro mundo” é uma conseqüência de graves fracassos na área de sua política externa: estratégia global e diplomacia pública.⁴⁵ Se esses fracassos não forem examinados, é provável que os EUA empreenderão outras aventuras militares que produzirão ocupações com o objetivo de levar a cabo mudanças radicais. Portanto, a análise dos defeitos da política norte-americana de controle das informações no Iraque não é simplesmente uma questão de interesse histórico. Os EUA não podem se dar ao luxo de cometer mais erros nessa área-chave da guerra psicológica. **MR**

REFERÊNCIAS

1. A contraparte soviética do *OMGUS*, a *Sowjetische Militäradministration in Deutschland*, realizou os mesmos esforços para difundir as mensagens de Moscou ao povo alemão.

2. PADDOCK, Alfred H., filho, *U.S. Army Special Warfare. Its Origins: Psychological and Unconventional Warfare, 1941-1952* (Washington DC: National Defense University Press, 1982), p. 41.

3. Já pela metade de janeiro de 1947, o *ICD* distribuiu 89 licenças de imprensa a 38 sociais democratas, 24 aos apoiadores da União Cristã-Democrática/União Cristã Socialista e 4 a membros do Partido Comunista Alemão. A divisão por religião foi 33 católicos, 28 protestantes, 3 judeus e um unitário. Outras 24 licenças foram concedidas a organizações não religiosas. HARTENIAN, Larry *Controlling Information in U.S. Occupied Germany, 1945-1949: Media Manipulation and Propaganda* (Lewiston,

2003), pp. 115-16 e 127. Veja também FREI, Norbert *Amerikanische Lizenzpolitik und Deutsche Presstradition: Die Geschichte der Nachkriegszeitung Suedost-Kurier* (Munique, Alemanha: Oldenbourg Verlag, 1986).

4. BREITENKAMP, Edward C., *The U.S. Information Control Division and Its Effect on German Publishers and Writers 1945 to 1949* (Dakota do Norte, EUA: Grand Forks, 1953), p. 1.

5. ZIMKE, Earl, *The U.S. Army Occupation of Germany, 1944-1946* (Washington, DC: Centro de História Militar, 1975).

6. BOEHLING, Rebecca, *A Question of Priorities: Democratic Reforms and Economic Recovery in Postwar Germany* (New York: Berghahn Books, 1996), p. 26.

7. SCHIVELBUSCH, Wolfgang, *In a Cold Crater: Cultural and Intellectual Life in Berlin 1945-1948* (Berkeley, California: University of California Press,

1998), p. 33.

8. Para ler um discurso detalhado do *Neue Zeitung*, veja GIENOW-HECHT, Jessica C.E., *Transmission Impossible: American Journalism and Cultural Diplomacy in Postwar Germany 1945-1955* (Baton Rouge, Louisiana: Louisiana State University Press, 1999). Veja também Hartenian, pp. 152-154 e Gienow-Hecht, "Friends, Foes, or Reeducators? Feinbilder and Anti-Communism in the U.S. Military Government in Germany, 1946-1953", em *Enemy Images in History*, editores Ragnhild Fiebig-von Hase e Ursula Lehmkuhl (Providence, Rhode Island: Berghahn Books, 1997), pp. 281-301.

9. Para ler um discurso detalhado do caso, veja GIENOW-HECHT, *Transmission Impossible*. Veja também HARTENIAN, p. 152-54 e GIENOW-HECHT, "Friends, Foes, or Reeducators?" pp. 281-301.

10. HARTENIAN, p. 179. Veja também Cedric Belfrage, *Seeds of Destruction* (Nova York: Cameron and Kahn, 1954).

11. HARTENIAN, p. 180.

12. Para ler mais, veja FLANAGAN, Clare, *A Study of German Political-Cultural Periodicals from the Years of Allied Occupation, 1945-1949* (Lampeter, Gales: The Edwin Mellen Press, 2000), pp. 151-82.

13. BATTLE, Joyce, compiladora, "Iraq: the Media War Plan", *National Security Archives*, 8 de maio de 2007, disponível em: www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB219/index.htm.

14. CALLAGHAN, Sandra J., "Iraq", *World Press Encyclopedia*, 2003, disponível em: findarticles.com/p/articles/mi_gx5223/is_2003/ai_n19143124.

15. TABOR, Kimberly "The Press in Iraq", *PBS-Frontline World*, novembro de 2002, disponível em: www.pbs.org/frontlineworld/stories/iraq/press.html#overview.

16. "The press in Iraq", *BBC News*, 12 de janeiro de 2007, disponível em: http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/middle_east/6256985.stm.

17. Desde 1992, Al-Bazzaz encabeçou tanto a Agência de Notícias do Iraque como o Sistema de Rádio e Televisão Iraque e foi editor em chefe do diário *Al-Jumhuriya (A República)*. Sítio cibernético do Foro do Oriente Médio, disponível em: <http://www.meforum.org/article/277>.

18. "The press in Iraq", *BBC News*.

19. NAWA, Fariba "U.S. Curtails Iraq's Newfound Media Freedoms", *Village Voice*, 27 de julho de 2003.

20. PRICE, Matthew "Baghdad's media explosion", *BBC News*, 12 de agosto de 2003 disponível em: http://news.bbc.co.uk/go/pt/ft/-1/hi/world/middle_east/3144363.stm.

21. GETTLEMAN, Jeffrey "G.I.'s Padlock Baghdad Paper Accused of Lies", *New York Times*, 29 de março de 2004.

22. BARRY, Ellen "US Restrictions on Iraqi Media Spark Criticism", *Boston Globe*, 19 de junho de 2003.

23. Guia de Assuntos Públicos da Força Tarefa Conjunta Combinada 7, 091200D Julho de 2003, p. 8.

24. No Iraque, a Administração Bush colocou em vigor uma nova metodologia de guerra psicológica ao pedir a companhias privadas para que assumissem tarefas de diplomacia pública e de propaganda. A partir de 2003, o Governo dos EUA com frequência tem pedido para empresas rentáveis criadas pelos partidários do Partido Republicano para desenvolverem as operações de inteligência e de guerra psicológica. Na realidade, essas empresas são estruturas parecidas com as agências de inteligência independentes da CIA e da Agência de Segurança Nacional, sendo concedidas contratos do governo norte-americano no valor de milhões de dólares. Na realidade, estas companhias agora recorrem ao mundo acadêmico da mesma forma que as agências de inteligência do governo fizeram no passado. Em 25 de janeiro de 2007, o governo concedeu ao Lincoln Group um novo contrato para conduzir foros com prioridade sobre uma variedade de temas por todo o Iraque. Em 7-8 de novembro de 2005, o Centro Carr da Política dos Direitos Humanos da Universidade de Harvard e o Instituto de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA patrocinaram um simpósio em Washington sobre "As operações de contra-insurgência no Iraque: As implicações da guerra irregular para o Governo dos EUA". Entre aqueles que participaram estavam Andrew Garfield do Lincoln Group e Steve Rader da Science Applications International Corporation (SAIC). Em 6 de abril de 2007, a Iniciativa de Defesa e de Segurança de Harvard organizou um outro simpósio intitulado "A privatização da segurança nacional", na Faculdade John F. Kennedy de Governo da Universidade de Harvard. O simpósio tinha três painéis: "Vale a pena a privatização da segurança?" "Além da segurança: terceirizando inteligência," e "Depois do Iraque: Qual é o próximo passo para a indústria de segurança?". Somente hóspedes convidados foram permitidos assistir as apresentações e discursos e os painéis eram extra-oficiais e aderiram às regras da Chatham House. Os palestrantes vieram de empresas tais como Armor Group, Blackwater USA, Booz Allen Hamilton (filial de Halliburton), Cerberus Capital Management (anteriormente presidida pelo ex-Secretário da Fazenda John Snow, 2003-2006), Cohen Group, Control Risks, Commonwealth Consulting, Covantage, Dyn Group, Kellogg Brown Root, Lincoln Group, Military Professional Resources Inc., SAIC, Total Intelligence Solutions, Triple Canopy e ViaGlobal Group. Os organizadores do simpósio também convidaram "congressistas que se

esforçaram para elaborar legislação relacionada" e "empregados do Departamento de Defesa que trabalhavam neste assunto".

25. Em 17 de agosto de 2006, um carro-bomba destruiu parcialmente os escritórios da revista *Shabaqeh y Al-Sabah*. Foi o segundo ataque contra *Al-Sabah* naquele ano. Em 19 de junho de 2007, Flich Waddai, o diretor do editorial do *Al-Sabah* foi assassinado. Segundo a organização Jornalistas sem Fronteiras, em 2006 o Iraque foi considerado o país mais perigoso do mundo pelo quarto ano consecutivo. Desde o princípio do conflito em 2003, morreram 139 correspondentes, 64 em 2006. Quase 90% das vítimas eram iraquianos. Jornalistas sem Fronteiras, "Press Freedom Round-Up", 31 de dezembro de 2006, disponível em: www.rsf.org/article.php3?id_article=20286.

26. CHANDRASEKARAN, Rajiv *Imperial Life in the Emerald City: Inside Iraq's Green Zone* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2006), p. 130.

27. *A AlArabiya*, uma emissora árabe com sede em Dubai que emite por 24 horas desde 3 de março de 2003, tinha um orçamento de US\$ 60 milhões; *Ibid.*, p. 132.

28. *Ibid.*, p. 136.

29. PINTAK, Lawrence, "Cairo Ignores U.S. Request to Pull Plug on Jihadi TV in Iraq", *Columbia Journalism Review*, 4 de janeiro de 2007; e Pintak, "A Controversial TV Channel That Is the Voice of Iraq's Anti-American Insurgents Looks Set to Open Another Front in the Propaganda War Against the U.S.", *Columbia Journalism Review*, 10 de janeiro de 2007.

30. Para ler um relato detalhado das tendências e polêmicas referentes à televisão via satélite no mundo árabe e muçulmano, veja o artigo "Media on the Front Lines: Satellite TV In Iraq", *Transnational Broadcasting Studies* parte 2, número 1 (Cairo, Egito: American University in Cairo, 2006).

31. Veja KOHLMANN, Evan F. "The Real Online Terrorist Threat", *Foreign Affairs* (setembro-outubro de 2006): pp. 115-25. Em junho de 2007, KIMMAGE, Daniel e RIDOLFO, Kathleen da Rádio Free Europe/Rádio Liberty, apresentaram uma reportagem sobre a rede de mídia da insurgência sunita árabe, disponível em: <http://www.realaudio.rferl.org/online/OLPDFfiles/part1.pdf>.

32. NORTH, Don, declaração perante audiência do Comitê Democrático de Política do Senado dos EUA "An Oversight Hearing on Waste, Fraud and Abuse in U.S. government Contracting in Iraq", em 14 de fevereiro de 2005. North foi um ex-contratista da Autoridade Provisional da Coalizão que foi contratado pela SAIC para desenvolver a emissora *Al-Iraqiya*.

33. BAYLOUNY, Anne Marie "Alhurra, 'The Free One': Assessing U.S. Satellite Television in the Middle East", *Strategic Insights* parte 11, número 4 (novembro de 2005).

34. BUSH, George W. "President Congratulates Iraqis on Election", 30 de janeiro de 2005, disponível em: <http://www.whitehouse.gov/news/releases/2005/01/20050130-2.html>.

35. MAZZETTI, Mark e DARAGAH, Borzou "U.S. Military Covertly Pays to Run Stories in Iraqi Press: Troops Write Articles Presented as News Reports. Some Officers Object to the Practice", *Los Angeles Times*, 30 de novembro de 2005.

36. Sítio cibernético do Lincoln Group, disponível em: <http://lincolngroup.com>.

37. Veja KINZER, Stephen, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (John Wiley & Sons, 2004).

38. BAGGIO, Daniel L., "The Dawn of the New Iraq: The Story Americans Almost Missed", em *Information as Power: An Anthology of Selected United States Army War College Student Papers*, parte 1, editores MURPHY, Dennis M. Jeffrey L., GROH, David J. Smith e AYERS, Cynthia E. (Carlisle Barracks, Pensilvânia: Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA, 2006), pp. 59-86; *op cit.* Chandrasekaran, pp. 128-146.

39. Veja ZIEMKE, Earl F. "Improvising Stability and Change in Postwar Germany", em *Americans as Proconsuls: United States Military Government in Germany and Japan, 1944-1952*, editor Robert Wolfe (Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 1984).

40. O texto total se encontra em *JCS 1067 em Germany 1945-1949: The Story in Documents* (Washington, DC: Gráfica do Governo dos EUA, 1950), pp. 21-33.

41. A Diretriz do Escritório de Assuntos Públicos da Força-Tarefa 7 - 091200DJul 2003, 1.

42. GOLDSTEIN, Cora Sol "Irak: Befreier in Ketten", *Internationale Politik*, parte 60, Ano 11 (novembro de 2005): pp. 104-110.

43. Relatório, Gabinete de Informação Pública da *OMGUS*, 16 de dezembro de 1948, Landesarchiv Berlin: *OMGUS*, RG 260, MF # 4/1-3/9.

44. FRIEDRICH, Carl J. "Military Government and Dictatorship", *Annals of the American Academy of Political and Social Science* parte 267 (janeiro de 1950): p. 1. Veja-se também FRIEDRICH, "Military Government as a Step Toward Self-Rule", *The Public Opinion Quarterly* parte 7, número 4 (inverno de 1943), pp. 527-41. Friedrich nasceu na Alemanha e se integrou no professorado de Harvard em 1926. Em 1955, Harvard nomeou Friedrich Eaton Professor de Ciências do Governo. Para dados biográficos, veja documentação de Carl J. Friedrich na Biblioteca da Universidade de Harvard.

45. Para ler dados atualizados sobre os diversos níveis de antiamericanismo pelo mundo, veja o Levantamento das Atitudes Globais de Pew, junho de 2007, disponível em: <http://pewglobal.org/reports/pdf/256.pdf>.